

CHISTES: DO SOSLAIO A UM OLHAR PSICANALÍTICO

*Ernesto Pacheco Richter**
*Alberto Shibaki Souza***

RESUMO:

Os chistes como formação do inconsciente têm sido negligenciados nos estudos psicanalíticos se comparado aos sonhos, atos falhos e sintomas. Sigmund Freud salientou sua importância em “Os chistes e sua relação com o inconsciente”, no qual relaciona o processo onírico ao de elaboração dos chistes. Com o objetivo de ressaltar sua relevância acadêmica apontamos reflexões de psicanalistas e outros autores que se aproximam do campo freudiano. Apresentamos, a seguir, uma analogia entre o processo de elaboração dos chistes e o civilizatório para enfatizar sua relação com o inconsciente, bem como seu inerente caráter social. Propomos, assim, que o texto freudiano seja retomado em sua plenitude, sobretudo se considerarmos o antagonismo que o riso e o risível apresentam na contemporaneidade: por um lado, a ditadura da felicidade demanda rostos sorridentes nas redes sociais; por outro, o politicamente correto tolhe a expressão do riso.

PALAVRAS-CHAVE:: Chiste. Psicanálise. Riso. Risível.

*Doutorando e Mestre em Psicologia Social e Especialista em Teoria Psicanalítica - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Psicólogo - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Secretaria PEPG em Psicologia Social, Faculdade de Ciências Humanas e Saúde – PUC/SP. Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes - São Paulo – SP - CEP: 05014-901 E-mail: eprichter@uol.com.br / Tel.: (11) 3129-4888

**Especialista em Teoria Psicanalítica - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e em Psicologia Clínica - Conselho Federal de Psicologia. Psicólogo - Universidade São Marcos. Av. N. Senhora do Sabará, 960 - apto 132B - Vila Isa - São Paulo – SP - CEP 04686-001 / E-mail: albshibaki@yahoo.com.br

Introdução

É precisamente ao olharmos para isso que veremos com mais certeza aquilo que não está totalmente ali, aquilo que está de lado, e que é o inconsciente. O inconsciente, justamente, só se esclarece e só se entrega quando o olhamos meio de lado (LACAN, 1999, p. 25).

Em seu livro sobre a história do pensamento acerca do riso, Verona Alberti (2011) aponta que desde a Antiguidade até o século XIX havia uma espécie de cisão incontornável entre o pensamento e o riso; algo como uma contradição fundamental entre, por um lado, o fato de o homem ser um animal racional e, por outro, o irracional, o não-sério, o involuntário... Com o advento do século XX, esta incompatibilidade passa a não mais existir. O que se configurou, de acordo com a autora, foi uma vasta pesquisa sobre o tema com ampla divulgação de escritos que percorre todos os momentos da história desde a Antiguidade. O que se vê é um lugar de destaque que o riso acabou por ocupar na Filosofia: “o riso partilha, com entidades como o jogo, a arte, o inconsciente etc., o espaço do indizível, o impensado, necessário para que o pensamento sério se desprenda de seus limites. Em alguns casos, mais do que partilhar deste espaço, o riso torna-se o carro-chefe de um movimento de redenção do pensamento, como se a filosofia não pudesse mais se estabelecer fora dele” (p. 11).

Óbvio está que os conceitos de riso e risível não se confundem com o de chiste, tema do presente artigo. É caso cediço que a história da conceituação sobre estes temas demonstra que os diversos autores têm usado os conceitos sem chegar a uma delimitação clara. Entretanto, o chiste pode – sem perder o que lhe é peculiar em sua caracterização - ser posto como uma das possibilidades daquilo que se convencionou chamar de risível. Após esta vinculação temporária entre os conceitos, notemos que na mesma obra a historiadora assinala que “a ideia de que atividades como o riso não têm lugar nos estudos acadêmicos não subsiste a uma investigação sobre a produção científica deste século” (Ibid., p. 26). Ora, a mesma assertiva não pode ser mencionada com relação aos chistes, enquanto entidade diferenciada, sobretudo quando esta averiguação se dá dentro da produção que tem a psicanálise como eixo teórico norteador.

Enquanto obras como *Estudos sobre a histeria* (1895), *A interpretação dos sonhos* (1900) e *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901) são frequentes nas referências bibliográficas das publicações que abordam o pensamento freudiano, *Os*

CHISTES: DO SOSLAIO A UM OLHAR PSICANALÍTICO

chistes e sua relação com inconsciente é um trabalho relativamente pouco lembrado por psicólogos, psicanalistas e autores de outras formações que se relacionam com o campo freudiano.

A pouca relevância dada ao chiste não se justifica, visto que, em termos psicanalíticos, ele foi conceituado como uma das formações do inconsciente, ao lado dos sonhos, dos sintomas e dos atos falhos. Esse parentesco próximo com conceitos psicanalíticos tão potentes, sobretudo os dois primeiros, poderia nos fazer pensar que o chiste tem seu brilho ofuscado em virtude de seus irmãos mais famosos. A posição central que sonhos e sintomas têm na teoria psicanalítica - e em menor escala os atos falhos - por si só, não nos parece motivo suficiente para também abandonarmos esse texto freudiano. Ao contrário, é justamente esse vilipêndio, esse papel secundário que os chistes têm na produção acadêmica que nos move em direção a ele. Esse desdém nos interessa.

Ao visitarmos a biografia de Freud - assinada por Peter Gay - constatamos que seu interesse pelos chistes data de 1897. Em uma carta a W. Fliess afirmou que “estava iniciando uma coletânea de ‘profundas histórias judaicas’, que também seria convertida em livro, no qual ele discutiria a relação dos chistes com o inconsciente” (GAY, 1989, p. 121). Não obstante seu interesse e a publicação do livro sobre os chistes em 1905, Freud, ao avizinhar-se dos setenta anos, escreveu em *Um estudo autobiográfico*: “Meu livro sobre *Jokes and their Relation to the Unconscious* foi um tema secundário proveniente diretamente de *A Interpretação de Sonhos*” (FREUD, 1925/1996, p. 68). Percebemos que Freud no início de sua produção manifesta interesse pelos chistes e após aproximadamente três décadas de contribuições para o saber psicanalítico ele próprio coloca sua obra em segundo plano. A falta de apreço por seu texto, seguramente, produziu reflexos em seus leitores e estudiosos.

Em uma das grandes referências, se não a maior em termos de léxico da disciplina, o consagrado *Vocabulário da Psicanálise* de Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis (1992), não consta o verbete chiste; a palavra - e não o conceito - aparece em raras oportunidades, por exemplo, como referência marginal quando os psicanalistas franceses discorrem sobre os verbetes agressividade e condensação. Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (1998) mencionam em seu *Dicionário de Psicanálise* que Freud jamais deu grande importância ao seu livro sobre os chistes. Relatam como signo desta quase indiferença o fato de Freud ter feito pouquíssimas modificações ao longo

dos anos - não foram mais do que dez acréscimos. Octave Mannoni (1989), por sua vez, foi um pouco mais generoso com o *Witz*. Dedicou uma seção pequena ao tema em seu *Freud: uma biografia ilustrada*. Lamenta que o livro de Freud fosse sempre visto como uma coleção de humor e que a teoria lá contida foi reduzida a categoria de comentário. Importantes pensadores do campo psicanalítico seguiram o vaticínio de Freud acerca da importância dos chistes e a negligenciaram. Coube a Jacques Lacan o papel de retirar o volume VIII da obra freudiana do ostracismo, atribuindo, com isso, ao *Witz* a qualidade de conceito.

Em seus seminários proferidos no final do ano de 1957 dizia que a tirada espirituosa – tradução utilizada por Lacan – “revela-se a melhor entrada em nosso assunto, as formações do inconsciente. Essa é não apenas a melhor entrada, mas também a mais brilhante forma com que o próprio Freud nos aponta as relações do inconsciente com o significante e suas técnicas” (LACAN, 1999, p. 12). É na obra de Freud sobre os chistes que Lacan melhor consegue demonstrar no texto freudiano a primazia do significante sobre o significado. Na pena de Oscar Masotta (2010), um dos introdutores do lacanismo na Argentina e, posteriormente, na Espanha: “Com o chiste nos encontramos sempre perante o mesmo fato, qual seja, uma palavra que se refere a mais de um significado. Essa capacidade que tem a palavra de referir a mais de um significado é o que produz o efeito de chiste” (p. 18). É inequívoco que Lacan dava mais importância ao livro dos chistes do que o próprio Freud. Certamente, via nele a antecipação de muitos enunciados que a linguística estrutural, que lhe era muito cara, só traria à luz após a morte do psicanalista vienense. Para a elaboração de sua teoria do significante, Lacan colocava em pé de igualdade *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, a *Psicopatologia da Vida Cotidiana* bem como a *Traumdeutung*, “os livros que podemos dizer canônicos em matéria de inconsciente” (LACAN, 1998, p. 526).

O intervalo de publicação destas três obras é de cinco anos. Naquele momento, Freud estava às voltas diretamente com a explicação da racionalidade inerente ao inconsciente, com o fundamental do funcionamento dos processos inconscientes, com os processos primários. Freud já se defrontara com e se questionara sobre a formação dos sintomas neuróticos e via nos sonhos, nos atos falhos e nos chistes mecanismos idênticos àqueles encontrados na construção de uma fobia, de uma conversão histérica, de um ritual obsessivo... A partir daí surgem teses sobre a parcial independência entre o afeto e a representação – deslocamento - e a possibilidade de uma representação única

CHISTES: DO SOSLAIO A UM OLHAR PSICANALÍTICO

ser resultado de uma fusão de diversas ideias do pensamento inconsciente – condensação. Deslocamento e condensação passam a ter suas formas definitivas enquanto conceitos, os quais permitem a aproximação dos chistes aos sonhos e, por conseguinte, ao inconsciente. Talvez o interesse de Freud pelos chistes como objeto de estudo da psicanálise tenha se intensificado pela missiva recebida de Wilhelm Fliess, na qual manifestou seu desagrado pela *Traumdeutung* por conter muitos sonhos com excessiva quantidade de chistes, como salienta Marco Antonio Coutinho Jorge (2008): “tendo o efeito de uma verdadeira interpretação para seu trabalho [...], o comentário de Fliess, [...] fez com que Freud passasse a buscar algo em comum entre os sonhos e os chistes” (p. 117). Os chistes, portanto, devem ser tratados com a seriedade que merecem.

A seriedade dos chistes

Publicado em 1905, o texto *Os chistes e sua relação com o inconsciente* revela o grande interesse que Freud já trazia consigo há muito tempo sobre o tema do cômico. A propósito, Freud era um obsessivo colecionador de anedotas e tinha um senso de humor, afiado, mesmo cáustico. Ainda que o cômico e o riso fizessem parte de investigações filosóficas como indica o estudo realizado por Alberti citado inicialmente, Freud salienta que os chistes, especificamente, despertavam pouco interesse nos pensadores até então.

Como lhe é habitual, brinda-nos com reflexões com um rigor metodológico que lhe é peculiar. A extensa pesquisa que realizou, compreende autores como Jean Paul Richter, Theodor Vischer, Kuno Fischer e Theodor Lipps, entre outros. A propósito, convém salientar que o trabalho de Lipps¹ sobre o cômico e o humor teve papel significativo na produção do texto sobre os chistes. Freud em uma nota de rodapé afirma que seu livro o encorajou e possibilitou as reflexões que ele apresenta no volume VIII de sua obra.

¹ Assim como o chiste foi relegado ao segundo plano na produção psicanalítica pós-freudiana, as contribuições de Theodor Lipps também têm sido olvidadas. Não deixa de ser curioso que este filósofo alemão bastante citado por Freud em seu livro sobre os chistes seja esquecido por muitos conhecedores da obra freudiana. Essa desatenção com o pensamento de Lipps é apresentada em um artigo de Zeljko Loparic (2001).

Freud por meio de diálogos com seus interlocutores imaginários aproxima-se de seu objeto a partir de três perspectivas distintas: no enfoque analítico aborda a técnica e os propósitos dos chistes; no sintético apresenta seu mecanismo do prazer, sua psicogênese e seus motivos e, finalmente, no teórico demonstra a relação dos chistes com os sonhos e o inconsciente.

Ao investigar a técnica de formação de um chiste, tema da primeira parte da obra, identifica a prevalência dos processos de condensação e deslocamento na sua elaboração, o que o leva a uma analogia entre a técnica dos chistes e a elaboração onírica, visto que há semelhanças em ambos os processos. O laconismo inerente às tiradas de espírito e seu deslize de sentido de uma ideia para outra são indispensáveis na construção de um chiste. Freud é claro sobre esses processos envolvidos nos chistes e a, consequente, analogia com os processos oníricos. Em suas palavras:

[...] os interessantes processos de condensação acompanhados de formação de substitutos, reconhecidos como o núcleo da técnica dos chistes verbais, apontam para a formação dos sonhos, em cujo mecanismo tem-se descoberto os mesmos processos psíquicos. Isso vale igualmente, entretanto, para as técnicas de chistes conceptuais – deslocamento, raciocínio falho, absurdo, representação pelo oposto – que reapareceu, cada um e todos, na técnica de elaboração dos sonhos (FREUD, 1905/1996, p. 89).

Com relação a seus propósitos, Freud salienta que há chistes que possuem um fim em si mesmo, os quais são denominados inocentes e, também, há aqueles que servem a um objeto particular, considerados como tendenciosos. Ao buscar esclarecimento teórico sobre a natureza do chiste, ele volta sua atenção aos inocentes, buscando evitar que o conteúdo tendencioso sobressaia à forma, à estrutura intrínseca do chiste. Dessa maneira, a partir dos chistes inocentes, ele evidencia que a produção do prazer é inerente e essencial a todo e qualquer chiste; seja ele inocente, seja tendencioso. Fundamentalmente, o que está em jogo é a produção de prazer. Evocar o prazer, que se expressa pelo riso, é primordial para que o chiste se constitua. Não há chiste sem o riso daquele que o ouve. Escreve Freud:

[...] o sentimento de prazer do ouvinte não decorre do propósito do chiste nem de seu conteúdo intelectual; nada nos resta, portanto, senão colocar em conexão o sentimento de prazer com a técnica do chiste. Os métodos técnicos do chiste [...] possuem assim o poder de evocar um sentimento de prazer no ouvinte, embora possamos não ter a mínima ideia de como terão adquirido tal poder (FREUD, 1905/1996, p. 95).

CHISTES: DO SOSLAIO A UM OLHAR PSICANALÍTICO

Temos, por conseguinte, duas características fundamentais dos chistes; a saber, a forma de expressão – condensação, deslocamento, representação indireta etc.-, e a evocação do prazer no ouvinte – o riso. Assim podemos afirmar que no instante em que o chiste acontece, um impulso é satisfeito e um desejo é efemeramente realizado no exato momento em que o recalque é levemente hasteado. Neste instante em que não precisamos estabelecer e nem manter esta inibição psíquica o que advém é o prazer devido à consequente poupança de esforço mental.

Se por um lado, a evocação de prazer, o riso, é uma característica geral dos chistes independentemente de serem inocentes ou tendenciosos, por outro, são estes últimos que produzem maior efeito no ouvinte, levando-o, muitas vezes, a explosões de risos. Como afirma Freud: “[...] agradável efeito dos chistes inocentes é em regra um efeito moderado; um nítido sentido de satisfação, um leve sorriso, é tudo o que em geral podem obter de seus ouvintes. [...] um chiste não tendencioso dificilmente merece a súbita explosão de riso que torna os chistes tendenciosos assim irresistíveis” (FREUD, 1905/1996, p. 97).

Se os chistes tendenciosos são capazes de produzir um efeito mais intenso do que aqueles produzidos pelos inocentes, parece-nos uma indicação de que são nos primeiros que poderemos encontrar uma conexão mais estreita com aquilo que é da ordem do recalcado. A metáfora utilizada - explosão de riso - dá a exata dimensão de que algo rompe, possibilitando o riso como expressão; rompe-se a barreira do recalque, que mantém, por assim dizer, determinados elementos isolados. Que elementos seriam esses? Freud nos indica um caminho ao salientar que os chistes tendenciosos ou são hostis ou obscenos; os primeiros estão a serviço da agressividade, sátira ou defesa, enquanto os segundos, do desnudamento. Ou seja, por trás de todo chiste tendencioso encontraremos agressividade e sexualidade.

A teoria psicanalítica demonstrou que é a partir da renúncia às pulsões sexuais e agressivas que a civilização se constitui; indivíduos tomados pela livre expressão de suas pulsões são incompatíveis com a ideia de sociedade. Como Eugène Enriquez (1999) resume: “uma sociedade deve impedir a realização não-mediatizada da satisfação sexual. A expressão pulsional direta é incompatível com o *socius*; este só se constrói em relação a um desejo, e o desejo só se faz ouvir na medida em que responde uma lei de organização” (p. 36). Considerando que os chistes tendenciosos, em virtude de seus conteúdos sexuais e agressivos, são capazes de produzir expressões mais exacerbadas

do riso e que sexualidade e agressividade desempenham importante papel no processo civilizatório, poderíamos inferir estarmos diante de mais uma evidência da relação entre os chistes e o inconsciente. Recorramos, então, aos textos sociais freudianos.

Freud salienta que o sofrimento humano é proveniente de três fontes distintas – primeira, do próprio corpo que está submetido ao declínio e a dissolução, isto é, a certeza da finitude corpórea; segunda, do mundo externo, entendendo este como sendo as forças da natureza que nos são impiedosas; e por fim, dos relacionamentos humanos, das trocas sociais. Ele prossegue afirmando que o homem na busca de sua felicidade ou no afastamento do desprazer descobriu que estava em suas mãos a capacidade de controlar as forças da natureza a ponto de diminuir sobremaneira seu poder de destruição e produzir riqueza; contudo, para isso era necessário que se unissem em famílias, em comunidades, pois um conjunto de indivíduos pode ser mais forte que apenas um indivíduo isolado. Temos aí, segundo o autor, os pilares da civilização humana: *Eros e Ananke* (amor e necessidade). Recorrendo a ele:

[...] o primeiro resultado da civilização foi que mesmo um número bastante grande de pessoas podia agora viver reunido numa comunidade. E, como esses dois grandes poderes cooperam para isso, poder-se-ia esperar que o desenvolvimento ulterior da civilização progredisse sem percalços no sentido de um controle ainda melhor sobre o mundo externo e no de uma ampliação do número de pessoas incluídas na comunidade. É difícil compreender como essa civilização pode agir sobre os seus participantes de outro modo senão o de torná-los felizes (FREUD, 1930/1996, p. 106-107).

A vida em sociedade ainda não foi capaz de produzir indivíduos felizes apesar de diversos avanços obtidos no que diz respeito ao retardamento da finitude corpórea, ao controle da natureza e à produção de riquezas. Para explicar essa impossibilidade de sermos felizes, Freud direciona-se ao recalque das pulsões.

Freud concebe que a única maneira dos indivíduos viverem em comunidade é por meio da renúncia às suas pulsões. Essa sua concepção pode ser observada em seu ensaio *Totem e tabu*, no qual faz uma leitura do animal totêmico, considerando-o como o substituto do pai. Como destaca o autor, no princípio, na mítica horda primeva, havia um pai absoluto e violento que possuía todas as fêmeas e bania seus filhos à medida que cresciam. Contudo, certo dia, os filhos banidos se agruparam e resolveram retornar e matar seu pai tirânico, devorando-o em seguida. Eles odiavam o pai que se antepunha frente a seus desejos sexuais e ao poder; porém o amavam e admiravam-no. O sentimento de culpa, em função do assassinato do pai, adveio e este se tornou mais forte

CHISTES: DO SOSLAIO A UM OLHAR PSICANALÍTICO

do que quando estava vivo, fazendo com que os filhos abdicassem a suas pulsões agressivas e sexuais e, por conseguinte, passassem a viver em comunidade. Como afirma Freud: “do sentimento de culpa filial, os dois tabus fundamentais do totemismo, que, por essa própria razão, correspondem inevitavelmente aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo” (FREUD, 1913a/1996, p. 147), a saber: o parricídio e o incesto.

associando a descoberta psicanalítica acerca do animal totêmico, que pode ser considerado como um representante do pai, com as teorias darwinistas sobre a sociedade primeva, Freud esclarece suas ideias sobre a renúncia das pulsões como a base da civilização moderna. Somente abdicando às suas pulsões é que foi possível a civilização humana; “é impossível desprezar o ponto até o qual a civilização é construída sobre uma renúncia ao instinto, o quanto ela pressupõe a não-satisfação” (FREUD, 1930/1996, p. 103-104).

A renúncia a nossas pulsões, segundo o autor, é o que nos possibilita vivermos em sociedade, mas ao mesmo tempo ela nos aflige e não permite que atinjamos a felicidade tão sonhada. Parece-nos que é esse o preço que temos que pagar por nosso avanço em termos de civilização. No entanto, o recalcado sempre retorna por meio de suas formações inconscientes; sejam elas sintomas, sonhos, atos falhos ou chistes.

Enquanto os sintomas e atos falhos nos causam dor, angústia e embaraço e os sonhos são experienciados de forma individual e própria, os chistes, para que possam ocorrer, necessitam de um lugar social no vivido. Sendo o chiste eminentemente social, ele permite um gozo compartilhado. Por um lado, aquele que elabora o chiste produz um trabalho psíquico, permitindo que as barreiras do recalque sejam vencidas e o que é da ordem do recalcado possa ter expressão. Por outro, aquele que ri também goza; entretanto seu gozo ocorre sem o trabalho psíquico feito pelo primeiro; seu gozo expressa-se pelo riso. Seu riso, por sua vez, permite que o gozo do primeiro seja completado. Ou seja, compartilha-se o gozo.

Outra particularidade que salta aos olhos com relação às tiradas espirituosas diz respeito à sua aparente resolução, ao menos se compararmos com os sonhos e a maioria dos sintomas neuróticos. O que queremos dizer com isso? O sonho carrega em si a marca de um mistério, o registro de um modo de realização de desejo marcado pelo não-encontro do objeto perdido. É como se durante o sonho estivéssemos sempre imersos num eterno devir a procura de um objeto que se cole a nossa pulsão; objeto este que, sabemos, jamais será encontrado. É um objeto perdido por definição. Os chistes, e

também os lapsos, parecem nos dar a ilusão de um encontro; passageiro, mas um encontro. Parece encerrar-se ali, ao final de um chiste e de um lapso, a união com aquilo que tanto ansiamos. Aquela ilusão transitória que temos no cotidiano quando nos deparamos com algo que almejávamos há muito tempo.

Como vimos, os chistes que causam maior impacto nos ouvintes são os tendenciosos, de natureza agressiva ou sexual, estabelecendo assim íntima relação com os desejos inconscientes, com o processo civilizatório, com a constituição do sujeito, com o Complexo de Édipo... Em suma, um encontro ilusório e cômico e socialmente partilhado com o objeto perdido. Encontramos nas tiradas espirituosas uma maneira de lidarmos com nossos conflitos psíquicos, possibilitando-nos descargas de representações recalçadas. Uma sociedade onde o chiste fosse mais corriqueiro, mais frequente, talvez pudesse se constituir em uma sociedade com sujeitos psiquicamente mais saudáveis, permitindo-lhes essas pequenas, porém eficazes válvulas de escape para seus conflitos psíquicos. Daí decorre a seriedade e a relevância dos chistes.

O caráter social do chiste

Freud diferencia o humor, o cômico e o chiste. O humor necessita de apenas uma pessoa; por exemplo, quando rimos de nossa própria incapacidade, descoordenação motora, destino... Já o cômico envolve duas pessoas, sendo risível enquanto objeto a própria pessoa ou a outra; está relacionado à dimensão do imaginário, mais especificamente à queda da imagem; daí a tendência a rirmos da escorregadela de um indivíduo que se apresenta aprumado, elegante, harmonioso e cujos olhos apontam para o horizonte; por sua vez, a queda de uma senhora idosa, já claudicante, não nos inclina a uma galhofa. Por outro lado, o chiste, a tirada espirituosa, “requer três pessoas: além da que faz o chiste, deve haver uma segunda que é tomada como objeto da agressividade hostil ou sexual e uma terceira na qual se cumpre o objetivo do chiste de produzir prazer” (FREUD, 1905/1996, p. 100).

Em uma obra dedicada à análise dos chistes construídos pelo jornalista José Simão, em sua coluna no jornal Folha de S. Paulo, Jane de Almeida (1998) assim resume este ponto: “a minha desgraça pode se tornar humorística para mim mesmo, cômica para quem a assiste e, se ela me remete a um sofrimento infantil, posso fazer um chiste sobre a situação” (p. 41). Ora, o caráter social do chiste é evidente, pois para que ele possa se efetivar o riso do ouvinte deve necessariamente estar presente; ou seja, a

CHISTES: DO SOSLAIO A UM OLHAR PSICANALÍTICO

presença do terceiro é essencial: aquele que ri. Portanto, é no social que ele se constitui e se apresenta.

Sob um ponto de vista estritamente metapsicológico podemos aqui fazer uma aproximação com a elaboração secundária, contida no trabalho dos sonhos. Vejamos como Laplanche e Pontalis (1992) a conceituam: “Remodelação do sonho destinada a apresentá-lo sob a forma de uma história relativamente coerente e compreensível” (p. 145). Parece-nos que no momento de contar o chiste a alguém, sem que percebamos, algo como uma elaboração secundária está se dando. Sabemos que este processo apontado por Freud no trabalho dos sonhos ocorre naquele momento quase mítico em que o sonhador vai contar seu sonho até para si mesmo; é premente dar certa lógica consciente, certa coerência que nos seja familiar, para que possamos meramente pensar no sonho que tivemos em uma determinada noite. O chiste para que seja validado enquanto tal precisa deste entendimento oriundo de outrem. Assim podemos inferir que esta preparação para a compreensão do ouvinte se assemelhe à elaboração secundária.

Por sua vez, se considerarmos os chistes a partir de um referencial sociológico, fica-nos evidente a necessidade de que haja o compartilhamento de ideias, normas e padrões sociais para que o mesmo se constitua. Sem a sintonia com as convicções e crenças mais arraigadas em uma determinada sociedade fica difícil para que o chiste se constitua. Nesse sentido, Freud salienta a relevância do papel dos tradutores que em muitos casos se tornam traidores do texto original: “*Traduttore – Traditore!*” (FREUD, 1905/1996, p. 41). Essa traição toma um aspecto especial quando nos deparamos com a tradução de um chiste. Com relação a isso, o editor das obras freudianas para a língua inglesa James Strachey afirma no prefácio do livro dos chistes que “muitos trabalhos de Freud suscitam agudas dificuldades para o tradutor, mas este apresenta um caso especial. [...] somos confrontados por um grande número de problemas envolvendo algum jogo de palavras intraduzíveis” (STRACHEY, 1996, p. 14).

A dificuldade de tradução de alguns chistes é indicativa de dois pontos que gostaríamos de enfatizar. Primeiro, que ela talvez represente mais uma razão - de pequena importância - para o aumento do ostracismo do texto freudiano nas reflexões psicanalíticas, pois uma vez que tenhamos que recorrer a notas de rodapés para a explicação de qualquer chiste, o mesmo perde totalmente seu valor e conseqüentemente desvia a atenção do leitor. Segundo e mais importante é que ela evidencia o traço social do chiste, pois, como mencionamos anteriormente, é fundamental o compartilhamento

de normas, ideias e padrões sociais. Isso explica a ausência de riso quando um terceiro - o ouvinte que não comunga os mesmos códigos sociais - não compreende um chiste, frustrando o gozo daquele que o profere. Lacan (1999), retomando uma palavra utilizada por Henri Bergson, aponta a necessidade de tanto aquele que expõe quanto aquele que escuta serem da mesma paróquia.

Ainda, sobre o caráter social podemos fazer certo paralelismo entre os chistes e a obra de arte pela via da criação. Com uma mirada mais atenta, Freud vai notar no fenômeno criativo dos chistes, bem como no da obra de arte, um “respeito” ao recalque e uma concomitante burla, transgressão, deste; ou seja, processos inconscientes estão envolvidos em ambos. Inicialmente apontada em 1905, tanto no texto dos chistes como em *Personagens psicopáticos no palco* (1905), esta perspectiva vai ganhando espaço com o desenvolvimento teórico da psicanálise.

Interessante a vinculação entre o que é do infantil e o humor, bem como a oposição existente entre o brincar e a realidade, que Freud deixa clara na seguinte passagem:

Quando a criança cresce e para de brincar, após esforçar-se por algumas décadas para encarar as realidades da vida com a devida seriedade, pode colocar-se certo dia numa situação mental em que mais uma vez desaparece essa oposição entre o brincar e a realidade. Como adulto, pode refletir sobre a intensa seriedade com que realizava seus jogos na infância, equiparando suas ocupações do presente, aparentemente tão sérias, aos seus jogos de criança, pode livrar-se da pesada carga imposta pela vida e conquistar o intenso prazer proporcionado pelo *humor* (FREUD, 1908/1996, p. 136).

É a partir de uma retomada daquilo que é da ordem do infantil que é possibilitado ao adulto - com a suspensão desta oposição entre o brincar e a realidade - o desfrute dos prazeres advindos do humor. É através da brincadeira com as palavras que podemos atingir o prazer inerente a uma tirada espirituosa, ouvindo-a ou criando-a. Da criação indispensável para a construção de algo risível, de algo que brinca com as palavras, para a criação artística o passo não é longo. Falando sobre as fantasias inconscientes envolvidas na produção do artista, Freud menciona que apenas atingirão o estatuto de “obra de arte quando passaram por uma transformação que atenua o que nelas é ofensivo, oculta sua origem pessoal e, obedecendo às leis da beleza, seduz outras pessoas com uma gratificação prazerosa” (FREUD, 1913b/1996, p. 189). O que o artista visa, segundo Freud, “é despertar em nós a mesma atitude emocional, a mesma constelação mental que nele produziu o ímpeto de criar” (FREUD, 1914/1996, p. 218).

CHISTES: DO SOSLAIO A UM OLHAR PSICANALÍTICO

Tanto na criação artística quanto na construção de um chiste, Freud salienta em diversos momentos de sua obra que no âmago da questão o que pulula é uma ânsia por libertação, o que nos aproximaria mais uma vez do caráter de transgressão apontado anteriormente.

Serge Moscovici (1981), nesse sentido, salienta o papel do humor como revelação daquilo que não pode ser expresso que outra maneira. Ele afirma:

O palhaço [...] metamorfoseia em situação cômica uma situação tensa e trágica. O bufão burla a censura. Profere em tom de broma as verdades que os cortesãos não se atrevem sequer a murmurar. A caricatura reproduz com um traço cruel, ainda que risível, uma ideia ou um personagem que não poderia ser burlado de outro modo. [...] Toda forma de máscaras, paródias, imitações do sexo oposto, disfarces e todo o humorístico entram nessa categoria. Vão dirigidos contra os indivíduos em grupo que ostentam uma autoridade (p. 325).

A obra freudiana, conseqüentemente, parece se somar àquelas que fizeram do humor - e da arte, por que não? - um local propício para a propagação de insubordinação: “Esse potencial regenerador e às vezes subversivo do riso e do risível é um lugar-comum presente em quase todos os estudos sobre o tema” (ALBERTI, 2011, p.31), uma vez que “o elemento ‘denúncia’ está presente na maioria das obras humorísticas de todos os tempos. Denuncia-se o poder, os costumes sociais, a moral, a estética; enfim, o humor permite que se fale de quase tudo na posição onipotente de denunciar o que se sabe sobre o Outro” (ALMEIDA, 1998, p. 11).

Muito embora cientes da complexidade do conceito de Outro, podemos, grosso modo, destacar que a linguagem é uma das facetas daquilo que envolve essa difícil proposição de Lacan, sobretudo em seus trabalhos. Nesse contexto, é notório o comentário de Charles Melman (1985) sobre todo o trabalho de criação de um chiste: “convém que o procedimento de expressões sirva-se das próprias armas desse grande Outro, ou seja, aquelas das quais se serve para nos constranger, e que dessa vez, por ocasião do *Witz*, volta-se contra ele (p. 65). O sucesso de uma tirada espirituosa estaria relacionado a esse momento de triunfo em que ela se valeu das próprias armas do Outro. E, à guisa de uma sinopse da obra de Freud sobre os chistes, conclui Melman: “Ao serem lidos atentamente todos os exemplos que Freud dá para distinguir trocadilhos, os jogos de palavras, as piadas de que são constituídos os *Witz* é que, justamente, ele

refere-se sempre ao grande Outro, nosso grande Outro, no que ele tem de mais essencial, de mais fundador, ou seja, o sexo e a morte (Ibid., p. 61).

Considerações finais

As reflexões acerca do caráter social dos chistes e sua relação com o inconsciente seriam suficientes senão para justificar ao menos para instigar o interesse sobre essa formação do inconsciente. A relevância do tema sobressai ainda mais se considerarmos o antagonismo existente na contemporaneidade com relação ao riso e ao risível. O patrulhamento ao humor e o florescimento do politicamente correto têm restringido nossas possibilidades de sorrir, rir ou mesmo gargalhar; nossas palavras são medidas, pensadas e repensadas para que não sejamos considerados agressivos ou preconceituosos. Simultaneamente somos convocados a expor nossos rostos sorridentes nas diversas redes sociais disponíveis; *Instagram*, *Facebook* e *Orkut* estão repletos dessas imagens, irradiando felicidade para os mais distintos rincões de nosso mundo globalizado.

Contardo Calligaris (2012), em sua coluna na *Folha de S. Paulo*, discorre sobre essa verdadeira ditadura da felicidade que aflige o mundo ocidental, onde o sorrir e a demonstração pública de felicidade vêm se convertendo num imperativo para todos nós. Numa sociedade em que a imagem tem sido elevada em sua valoração, vemo-nos impelidos a demonstrar ao mundo que somos felizes por meio do compartilhamento de simples fotos ou imagens veiculadas nos sites de relacionamento. Estamos sempre sorrindo. Devemos ser felizes! Somos felizes! Baseado numa pesquisa realizada em 2011 que tinha como questão fundamental saber se a procura por felicidade pode fazer uma pessoa feliz, o psicanalista revela as consequências desta busca frenética pela felicidade: o resultado é geralmente contraproducente; resumidamente falando, quanto mais valorizamos a felicidade, mais produzimos insatisfação e, por conseguinte, sua faceta clínica, a depressão.

Por conseguinte, a questão que nos colocamos é: esse sorriso constante expresso em nossas faces teria o mesmo efeito que Sigmund Freud apontou na construção de e no que se segue a um chiste? A saber, a economia de energia psíquica e obtenção de prazer. Não acreditamos em uma resposta afirmativa e o resultado da pesquisa, comentada pelo psicanalista, nos mostra isso: gastamos energia psíquica para nos mantermos sorrindo e compartilhando nossas pseudofelicidades. Produzindo, assim, insatisfação, e não prazer.

CHISTES: DO SOSLAIO A UM OLHAR PSICANALÍTICO

As faces sorridentes que vemos expostas em nossas telas de computadores são, portanto, expressões que demandam demasiado esforço psíquico. Essas faces não representam o sorriso, o riso ou mesmo a gargalhada que um chiste pode produzir, o qual é da ordem do prazer, de energia psíquica liberada. Entretanto, o riso que possa advir de uma tirada espirituosa encontra-se sob o controle rígido do politicamente correto, cuja influência ocorre fundamentalmente em seus conteúdos explícitos. Diante do controle social os chistes de atualizam; assim como as expressões do sintoma contemporâneo são distintas das da época em que Freud dedicou-se às histéricas, os chistes, como uma formação do inconsciente, buscaram, buscam e buscarão novas formas de expressão burlando, assim, as barreiras do recalque.

O riso e o risível são expressões humanas importantes e, portanto, seria importante que o texto freudiano possa ser retomado em toda sua plenitude, uma vez que há estreita relação entre os chistes e o inconsciente, a qual pode ser estabelecida por meio de analogias com os processos de elaboração onírica ou por meio do processo civilizatório e suas relações com a sexualidade e a agressividade. Ainda, os chistes ocorrem no social e podem constituir-se como fontes riquíssimas de material para refletirmos sobre nossa sociedade e os sujeitos contemporâneos, uma vez que entendemos o sujeito como sendo constituído na interseção dos campos libidinal, histórico e social.

Assim sendo, o volume VIII das obras de Sigmund Freud deveria sair das prateleiras empoeiradas das bibliotecas e adentrar o espaço acadêmico, propiciando questionamentos, ponderações e reflexões; ou seja, favorecendo a produção de conhecimento a partir de uma formação do inconsciente - o chiste - à qual vem sendo relegada um papel secundário, apesar da riqueza do texto freudiano. Os chistes devem ser tratados com a seriedade psicanalítica que eles merecem; somente desta maneira será possível parar de olhá-lo de soslaio.

Referências:

ALBERTI, Verona. *O Riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

ALMEIDA, Jane de. *Achados chistosos da psicanálise na escrita de José Simão*. São Paulo: Escuta, 1998.

CALLIGARIS, Contardo. O Hábito de Sorrir. In: *Folha de S. Paulo*, Caderno Ilustrada, 28/jun/2012. Disponível em: <http://folha.com/no1111371>.

ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

FREUD, Sigmund. (1905). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1908). Escritores Criativos e Devaneio. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. IX – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Totem e tabu. (1913a) In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1913b). O Interesse Científico da Psicanálise. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XIII – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1914). O Moisés de Michelangelo. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XIII – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

CHISTES: DO SOSLAIO A UM OLHAR PSICANALÍTICO

_____. (1925). Um Estudo Autobiográfico. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XX – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1930). O mal-estar na civilização. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan – vol. 1 – As bases conceituais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____ *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LOPARIC, Zeljko. Theodor Lipps: uma fonte esquecida do paradigma freudiano. *Natureza Humana*, 3(2), p. 315-331, jul-dez, 2001.

MANNONI, Octave. *Freud: uma biografia ilustrada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

MASOTTA, Oscar. *Lecturas de psicoanálisis – Freud, Lacan*. Buenos Aires: Paidós, 2010.

MELMAN, Charles. *Novos Estudos sobre o Inconsciente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

MOSCOVICI, Serge. *La era de las multitudes: un tratado histórico de la psicología de las masas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

STRACHEY, James. Os chistes e sua relação com o inconsciente. Prefácio do editor. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

CHISTES: DO SOSLAIO A UM OLHAR PSICANALÍTICO

JOKES: FROM AN ASKANCE LOOK TO A PSYCHOANALYTIC ONE

ABSTRACT:

Jokes as an unconscious formation have been neglected in psychoanalytic studies, compared to dreams, parapraxes and symptoms. Sigmund Freud emphasized its significance on *Jokes and their relation to the unconscious*, linking the oneiric process to the one of making a joke. In order to stress its academic relevance, we present thoughts of psychoanalysts and authors who reflect on Freud's work. We suggest, thereafter, an analogy between the process of making jokes and the one of civilization to highlight its relation to the unconscious as well as its inherent social nature. Therefore, we propose that the Freudian text is resumed in its fullness, especially if we consider the antagonism toward the laughter and risible nowadays: if on the one hand, the dictatorship of happiness requires us to always be smiling on social networks, on the other the political correctness hinders the expression of laughter.

KEYWORDS: Joke. Psychoanalysis. Laughter. Laughable.

MOTS D'ESPRIT: D'UN COUP D'ŒIL A UN REGARD PSYCHANALYTIQUE

RÉSUMÉ:

Les mots d'esprit comme une formation de l'inconscient ont été négligé aux études psychanalytiques, par rapport aux rêves, actes manqués et symptômes. Sigmund Freud a souligné son importance en *Les mots d'esprit et ses rapports avec l'inconscient*, dans lequel il formule la relation entre le processus onirique à celui de l'élaboration d'un mot d'esprit. Afin de remarquer sa pertinence académique nous présentons les pensées de psychanalystes et auteurs qui réfléchissent sur l'œuvre de Freud. Nous proposons, par la suite, une analogie entre le processus civilisateur et celui de la construction des mots d'esprit pour mettre en évidence sa relation à l'inconscient, ainsi que son inhérent caractère social. Nous recommandons donc que le texte freudien soit repris dans sa plénitude, surtout si l'on considère l'antagonisme envers le rire et le risible de nos jours: si d'une part la dictature du bonheur nous oblige à toujours être souriant sur les réseaux sociaux, sur l'autre le politiquement correct entrave l'expression de rire.

MOTS-CLÉS: Mot d'esprit. Psychanalyse. Rire. Risible.

Ernesto Pacheco Richter e Alberto Shibaki Souza

Recebido em: 02-02-2015

Aprovado em: 01-05-2015

©2015 Psicanálise & Barroco em revista

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista